

APORTES NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: bricolagem, ecologia e feminismos

VEIGA JÚNIOR, Álvaro¹²; CARDOSO, Adriana Lessa¹³; SINÃNI, Marília Claudia Favreto¹⁴

Resumo:

Este texto é fruto de escrita coletiva de integrantes de grupo de pesquisa em educação. Objetiva fazer reflexões a partir da questão: o que o feminismo ecológico e a bricolagem poderiam aportar à pesquisa em educação? A bricolagem refuta o *status quo*, beneficiário da hierarquia, do especialismo e da fragmentação do conhecimento. Denuncia o racionalismo monológico, reducionismo do objeto e a neutralidade da ciência; condições do cientificismo e do colonialismo, que geram medo e consciência alienada, facilitando a dominação. Para além de resistir, propõe a implicação do/a pesquisador/a com rigorosidade aos contextos complexos. Concluímos ao utilizar as lentes multifacetadas da bricolagem que a educação e a pesquisa se qualificam com aportes do feminismo ecológico e decolonial ao minar o capitalismo, o patriarcalismo, os racismos, e o classismo protege modos de existências plurais e diversos.

Palavras-chave: Bricolagem; feminismos; ecologia.

Introdução

Nossa experiência de pesquisa em educação cogita a bricolagem para pensar crítica e criativamente o momento atual da Terra. Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica, caracterizada por abertura ao múltiplo, complexo e interdisciplinar, sensível e aprendente à arte e a investigação filosófica. Uma das atitudes formativas de seu emprego é o/a pesquisador/a mover sua autobiografia imersa na práxis reciprocamente junto ao fenômeno estudado. Aberta, provisória e histórica, mantém a crença legada da teoria social crítica, na construção de um mundo-planeta mais humanizado e justo, incluindo as dimensões inseparáveis, epistemologia e educação, para cultivarmos por meio da racionalidade-sensibilidade projetos solidários e sustentáveis.

Sua criticidade advém da recusa ao *status quo* articulado ao avanço do capitalismo neoliberal. Neste estágio, a crise social e ecológica planetária se baseia na era “triumfante” do capitalismo. É possível dizer que há um consenso, uma convergência dos conhecimentos acumulados da ciência atual: os perigos e ameaças

¹² Programa de Pós-Graduação Educação - UFPel.

¹³ Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero D'Generus/UFPel.

¹⁴ Programa de Pós-Graduação Educação - UFPel.

que vivenciamos crescentemente são advindos de uma crise civilizatória, que tem como matriz a globalização da modernidade ocidental-eurocêntrica, colonial, classista, racista e patriarcal. Tal acumulado será tomado centralmente como pressuposto e contexto para que a argumentação possa abordar a bricolagem e o feminismo ecológico e decolonial neste espaço.

Propomos esta circulação de saberes na intenção de aprender e construir conhecimentos por meio de escrita coletiva que expresse diálogos na produção de significados com nossa práxis de pesquisa. Nós autoras/res integramos o grupo de pesquisas Mariposas, do Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação. Não é demais dizer que as justificativas dos estudos em educação não se contentam com discursos e abstrações, distanciando-se do individualismo da mobilidade social, para reiterar o compromisso qualificador entre o que se diz, sente, pensa e faz, com sentido, para contribuir com um mundo melhor e mais seguro.

Pretendemos neste estudo nos mover pela questão: o que os feminismos e a bricolagem poderiam aportar à pesquisa em educação? Para tal reflexão, buscamos nos referenciar em algumas obras das/os seguintes autoras/es: John Kincheloe e Kathleen Berry (2006, 2007), Félix Guattari (1997), Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019), Maria Paula Meneses (2010), bell hooks (2019), Ochy Curiel (2007), Julieta Carvajal, (2020), Talíria Petrone (2019).

Encerramos a introdução com uma charge que ilustra a insensibilidade do capitalismo.

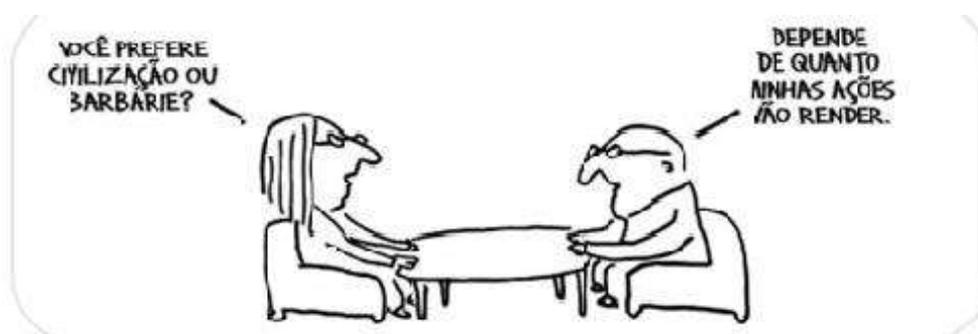


Figura 1- Charge Civilização ou barbárie, André Dahmer. Fonte: Malvados, Facebook.

A ecossófia adentra a bricolagem

*“Todo dia é de viver
para ser o que for
e ser tudo”*

Ronaldo Bastos-Beto Guedes

Para iniciarmos a examinar o problema vamos procurar uma noção macroscópica, isto é, trazer uma “visão” de conjunto. A caracterização aproximativa, que evita a análise em partes, tem a intenção de mobilizar o pensamento sensibilizando-o rumo a totalidades, sem concluir ou dominar, pois a separação e isolamento é justamente atributo do denominado cartesianismo, um método linear baseado em certezas fundantes. O planeta Terra, nas proximidades destes dois milênios da era Cristã, tem sido estudado por muitos pensadores, estes procuram identificar padrões, indicadores e conexões.

O planeta Terra vive um período de intensas **transformações técnico-científicas**, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de **desequilíbrios ecológicos** que, se não forem remediados, no limite, **ameaçam** a implantação da **vida** em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma **progressiva deterioração**. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo **consumo da mídia**, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de **padronização dos comportamentos**, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. É a relação da **subjetividade** com **sua exterioridade** – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A **alteridade** tende a perder toda aspereza. (GUATTARI, 1997, p. 7).

Trazemos esta proposta de panorama em um conjunto de afirmações qualitativas, que partem do concreto, do mensurável e encontram na reflexão filosófica sentido da ordem do estético e do ético. A estética, não se resume à beleza e ao gosto, se refere ao estudo da sensação, naquilo que mobiliza os sentidos e a percepção; e a ética, trata da filosofia prática que problematiza a moral. (JAPIASSU, MARCONDES, 1996, p.91).

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa **problemática** no **conjunto** de suas

implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma **consciência parcial** dos **perigos** mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva **tecnocrática**, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os **três registros ecológicos** (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões.(GUATTARI, 1997, p.8).

Podemos dizer que a ecosofia, é uma criação conceitual filosófica e artística que envolve três esferas do conhecimento ecológico. Aqui a ecologia, se afastando do antropocentrismo dicotômico com a natureza, tem seu sentido original ampliado, que inclui o ser humano entre todos os seres vivos, na interação destes entre si e com o meio. Seus modos de existir abrangem a complexidade do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana. A subjetividade, nesta tríade incerta e multidirecional tensiona a compreensão (ou interpretação) e a criatividade do sentido.

Cabe aqui fazer uma conexão com a bricolagem, que se fundamenta na hermenêutica filosófica, também referida como hermenêutica simbiótica, que justamente como a filosofia busca a arte do bem viver. Assim, o sentido textual emerge apenas nos relacionamentos que conectam aspectos determinados de um fenômeno. O sentido de cada uma das partes depende de seu relacionamento com o contexto. As partes de um texto devem se tornar parte do “sistema vivo” criado pelo texto como um todo. (KINCHELOE; BERRY, 2007, p.116).

A respeito da **dimensão criativa** do **processo interpretativo** é possível afirmar que toda a **produção de sentido** é específica em termos **históricos** e **culturais**. Como tal, os propósitos e as perspectivas de diferentes intérpretes nunca são os mesmos e, portanto, devem se desenvolver diferentes passos e procedimentos para serem usados em circunstâncias divergentes (...) A hermenêutica é vazia se não estiver **conectada** às vicissitudes da **vida** cotidiana e da **luta** do ser humano. (KINCHELOE; BERRY, 2007, p.116).

A arte e a estética são fundamentais para a produção de sentido e construção da subjetividade, que tanto melhor será procedente e qualificada por meio da educação, sabendo conhecer e cuidar das interações de seu meio geográfico, histórico e cultural. Na concepção construtiva da realidade, o sentido é criação, emergência social e ambiental. Não é fixo e transhistórico, nunca é doado do além ou preexiste nos indivíduos.

Uma dimensão importante do aspecto **criativo** da interpretação envolve o uso da **estética** no processo **hermenêutico** e a **ontologia**

relacional do objeto de estudo - percebido como entidade em permanente transformação e movimento, que opera para conectar os vários conceitos e fenômenos. A **arte** sempre serviu a uma função de **ontologia relacional do objeto**, ao **catalisar a produção de interações e concepções singulares** em diversos domínios. A qualidade de estudo da **arte** pode provocar pesquisadores e analistas de vários tipos a adquirirem **nova consciência**, a fazerem novas perguntas e abordarem a **complexidade** de maneira que teriam sido mais difíceis fora do domínio estético. (KINCHELOE; BERRY, 2007, p.117).

A hermenêutica filosófica combinada com o pensamento crítico, com sua dinâmica dialógico-dialética da realidade moldada pelo poder, é fortalecida com agência no mundo, no sentido de compreender, conhecer e autoconhecer-se por meio de uma linguagem-cultura sempre por se fazer. Na ecosofia, sociedade, subjetividade e meio transformam-se e são transformados na práxis não nomotética. Onde a realidade não é estática e muito menos determinada, as hierarquizações de classe, gênero, raças e etnias não são representações de mérito, nem tampouco determinações divinas ou naturais. O pensamento deste sistema de ideias apenas serviu para dominar, classificar e oprimir.

A hegemonia crescente do conhecimento científico moderno na Europa foi sinônimo, em grande parte do **espaço colonial**, da missão de organizar e disciplinar as populações **autóctones**. A **ciência moderna**, com o seu sentido ou ordem e poder, tornou-se um meio de **regular** as relações entre os 'civilizados' e os 'insubordinados'. (MENESES, 2010, p. 224).

O ideário colonial nos fez acreditar pela força da espada e da pólvora, junto à pregação da bíblia, que as terras do além-mar eram povoadas por seres primitivos, [des]classificados como sem alma e sem valor. O sistema que nos foi legado pode ser conceituado como capitalismo, porém nele ocorrem mudanças em que as consequências negativas afetam as/os mais vulneráveis, quando a classificação é ativada para “imunizar” as elites e impactar as minorias majoritárias, mulheres, pessoas racializadas, com sexualidade “desviante”, doentes, velhas/os, crianças pobres, deficientes, “feios/as”, culturas não euro-ocidentais.

Capitalismo significa **não** apenas um **sistema de produção** de mercadorias, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como objeto de troca. Para que exista capitalismo faz-se necessária a **concentração da propriedade dos meios de produção** em mão de uma **classe social** e a presença de outra classe para a venda da força de trabalho seja a **única fonte de subsistência**. Estes requisitos Marx demonstrou terem sido **estabelecidos** através de um processo

histórico que transformou as antigas relações econômicas dominantes no feudalismo, destruindo-as ao mesmo tempo que se construíram o capitalismo. (BLACKBURN, 2010, p. 39).

Parece que o núcleo duro do capitalismo se mantém, mas as consequências acumuladas das suas contradições, junto ao crescimento potencializado pela tecnologia se agravam num planeta finito. Vivemos em uma permanente sensação de impotência e confusão. O custo de vida parece ser cada vez mais caro, impostos crescentes, taxas, obrigações. Bens e serviços caros e de qualidade incerta. Os utensílios e vestuário têm um valor alto se quisermos uma maior durabilidade e qualidade. Há uma burocracia gigantesca para tudo, uma impaciência e ansiedade. Paira no ar um pessimismo com a coletividade e com as outras pessoas. Imagem, forma e aparência são prioridades no jogo da publicidade, que conta mais do que conteúdo e competência. Com o espaço e o tempo mal aproveitados, pessoas vivem no limite, com a saúde precarizada o/a outra/o passa a ser um inimigo.

As condições do **tempo presente** tornam as diferenças culturais e políticas profundamente insidiosas dificultando a **luta** contra elas. Por um lado, o capitalismo global, mais que o modo de produção é hoje um **regime cultural e civilizacional**, portanto, estende cada vez mais os seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como **capitalistas**, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afetam. **Lutar** contra uma **dominação** cada vez mais **polifacetada** significa perversamente lutar contra a indefinição entre quem domina e quem é dominado, e, muitas vezes, **lutar** contra **nós próprios**. (MENESES; SANTOS, 2010, p.18).

Talvez, evitemos em geral pensar profundamente em nós mesmas/os, em pensar-nos como parte influente das relações sociais. E de nos entendermos como um elo entre as gerações que nos antecederam e as que virão. Melhor nos distrairmos, pois consciência é sofrimento, dor e iniquidade. Funciona melhor exercer o poder onde estamos situadas/os, defender a sobrevivência e procurar subir, do que apostar em mudanças que dependam de contextos maiores. O que podemos definir como classe dirigente nos lembra descrédito, competição e discursividade manipuladora.

Não haverá verdadeira resposta à **crise ecológica** a não ser em **escala planetária** e com a condição de que se opere uma **autêntica revolução política, social e cultural** reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta **revolução** deverá concernir, portanto, não só às relações de **forças visíveis** em grande escala mas também aos domínios moleculares de **sensibilidade**, de **inteligência** e **desejo**. (GUATTARI, 1997, p.8).

Na sequência pretendemos trazer algumas definições de feminismo, para situar o paradigma possível de diálogo entre a bricolagem e ecologia. Iniciamos por bell hooks (2019, p.13), que considera o feminismo “um movimento para acabar sexismo, exploração sexista e opressão”. Para Julieta Paredes Carvajal (2020, p. 195), “...é a luta e a proposta política de vida de qualquer mulher em qualquer lugar do mundo, em qualquer etapa histórica, que tenha se rebelado diante do patriarcado que a oprime”. Ochy Curiel (2007) indica que o feminismo decolonial oferece “(...) uma nova perspectiva de análise para entendermos de forma mais complexa as relações e entrelaçamentos de raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica”.

Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser, (2019) contribuem com um manifesto feminista, tendo como base uma crítica ao feminismo liberal, eurocêntrico e colonial. Buscam visibilizar um outro feminismo, um feminismo antirracista, ambientalista, trabalhista e internacionalista. Para Talíria Petrone que escreveu o prefácio:

Mulheres como Carolina de Jesus dizem muito de um **feminismo profundamente necessário**. Mulheres como ela não podem ficar de fora do nosso feminismo. O **feminismo** é uma **urgência no mundo**. O feminismo é uma urgência na **América Latina**. O feminismo é uma urgência no **Brasil**. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa e acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas. E não é possível que nosso feminismo **deixe corpos** pelo caminho. Não há **liberdade** possível se a **maioria das mulheres** não couber nela. (PETRONE, 2019, p. 16).

Para a aproximação com a bricolagem, ou vice-versa, vamos dar destaque para a tese 9 do manifesto: lutando para reverter a destruição da Terra pelo capital, o feminismo para os 99% é ecossocialista.

Se a **crise ecológica** de hoje está diretamente vinculada ao **capitalismo**, ela também reproduz e agrava a **opressão das mulheres**. As mulheres ocupam as linhas de frente da atual crise ecológica, constituindo 80% das pessoas refugiadas em função do clima. No sul global, elas **constituem** a vasta **maioria** da força de trabalho rural, ao mesmo tempo que carregam a responsabilidade pela maior parte do trabalho de **reprodução social**. Devido ao seu papel central em promover alimentação, vestimenta e abrigo para família, as mulheres representam parcela descomunal no trabalho de lidar com a seca, a poluição e a superexploração da terra. De forma semelhante, no Norte global as mulheres pobres de grupos étnicos minoritários estão **desproporcionalmente vulneráveis**. (...) As mulheres também estão na linha de **frente** das **lutas** contra a crescente **catástrofe ecológica**. (ARRUZZA, BHATTACHARYA e FRASER, 2019, p. 84-85).

Se temos um mundo pensado numa matriz capitalista, patriarcal e colonialista, que excluiu e oprimiu mais da metade da população, nada mais revolucionário do que

passarmos a ouvir e a dialogar com essa parcela excluída, visto que elas são as mais vulneráveis neste processo. De acordo com esta visão, não temos como seguir com teorias e epistemologias que não considerem o paradigma ecossocialista.

No espírito básico da bricolagem, há o esforço para desenvolver novas formas de produção de conhecimento, que está diretamente conectado ao que chamamos de novo rigor em pesquisa. Escolhendo as melhores ideias que surgem de novos paradigmas, os bricoleurs saem em busca desse rigor, valendo-se de conceitos como a importância do relacionamento nos quadros epistemológicos e ontológicos. A hermenêutica como arte da compreensão, por ser filosófica, também é denominada de hermenêutica simbiótica ao se referir à sua especificidade ecológica de gerar propriedades emergentes e autorregenerar vidas.

No relacionamento simbiótico, **emergem novas ideias e formas de pensar sobre conhecer e pesquisar. A consciência ecológica gerada pelo conhecimento das infinitas formas com que os fenômenos estão conectados reside no coração da hermenêutica simbiótica.** As disciplinas não podem permanecer as mesmas quando encontrarem **relacionamentos gerativos**, sendo considerado como a dimensão básica do trabalho com conhecimento. (KINCHELOE, BERRY, 2007, p.80).

Aproveitando uma deixa do trabalho de muitas teóricas feministas nas últimas décadas, os bricoleurs escolhem cuidadosamente a partir do “balaio paradigmático” das disciplinas. Neste contexto, podemos começar a entender a base ecológica de nosso conceito de relacionalidade e as maneiras como ele pode nos ajudar a repensar a disciplinaridade e o trabalho com o conhecimento que ela sustenta. (KINCHELOE, BERRY, 2007, p.76-77).

A bricolagem abre para uma concepção inovadora com um aporte da complexidade ao mundo e a necessidade de diálogo entre as diversas teorias, principalmente as teorias feministas de viés ecológico, que certamente vêm contribuindo para um novo paradigma científico. Por combinar desenvolvimento perceptivo com abertura e inclusão torna esta abordagem capaz de responder a problemas que atravessam a todas/os. Consideramos que o pensamento feminista consiste num apoio central para desafiar o sistema mundo colonial moderno.

A capacidade de estabelecer relacionamentos com a diferença é aumentada por alguns fatores. A **hermenêutica simbiótica**, confere grandes possibilidades na comunicação global, que potencialmente permite a comunicação de todos com todos. (...) e veem grandes perspectivas na **rebelião anticolonial contínua**, mas sempre contestada, que surgiu na África, na América Latina e em muitas partes da Ásia. Essa rebelião serviu de pano de fundo e catalisou conceitualmente o movimento pelos direitos civis, o **movimento de mulheres**, o movimento **contra a Guerra** do Vietnã e o movimento pelos direitos dos homossexuais nos EUA (...) incluindo aqueles dos

povos indígenas em todo mundo, podem ser vinculados a um **pós-colonialismo** mais geral, que expressa suas origens nesses **movimentos globais de libertação**. (KINCHELOE, BERRY, 2007, p.80).

Por educação entendemos a formação humana em sociedade, em que estas sociedades tenham como horizonte, a justiça, segurança, equidade e humanização não antropocêntrica, convívio com as diferenças, sustentabilidade e equilíbrio ecológico. O feminismo decolonial ou anticolonial e o ecossocialismo são perspectivas de mundo, epistemologias e movimentos sociais que necessitam da educação, seja escolar, acadêmica ou não. São modos de vida, reivindicações legítimas e benignas, que podem revolucionar especialmente transformando pessoas e preservando a ecosfera. Por sua vez, a reciprocidade dialógico-dialética não é apenas um esquema discursivo, mas uma práxis na realidade, onde a educação precisa estar aberta à expressão das pessoas desfavorecidas, oprimidas, sendo sensível ao seus desejos e necessidades.

A bricolagem nos dispõe a aprender

No descontentamento com os currículos oficiais, na consciência crítica sobre produtos que não revelam os processos geradores, uma formação filosófica do pesquisador é de fundamental importância, pois além de esclarecer quais são os pressupostos teóricos e éticos que o atravessam e o constituem, pode também capacitar a perceber as características epistemológicas, ontológicas, políticas, estéticas e éticas presentes no tema, problema e no contexto a ser pesquisado. (KINCHELOE, BERRY, 2007, p.22-23).

Entendemos a formação filosófica não no sentido clássico, de campo disciplinar, história evolucionista e de especialismo; muito ao contrário, existe nessa concepção um direcionamento situado para a interdisciplinaridade profunda, holista e complexa. Nesta perspectiva filosófica, existe o incentivo à humildade, à curiosidade e à autonomia solidária. Contudo, há o descontentamento com a formação oficial institucional, e, portanto, trata-se de uma busca para a vida toda, sempre incompleta e por fazer, igualmente incerta e que transcende ao individualismo. Esta perspectiva teórico-metodológica não se pretende superior ou mais atual. Não se trata de rivalidade e emulação. Provavelmente seja amor e comprometimento da nossa existência com o mundo.

Talvez possa se explicar, quase de modo metafísico, que o ser humano tende ao seu desenvolvimento completo e integral e quem sabe se isto propicie saúde, bem-estar, alegria e paz. Este pressuposto tem algo de generalização e essencialidade, pois existem inúmeras diferenças genéticas, fenotípicas e culturais na humanidade. Contudo, a perspectiva oposta é a da modernidade industrial, do egocentrismo e da reificação, da divisão social e da alienação do trabalho, da especialização que causa dependências extremas e por conseguinte, exploração dos excluídos deste sistema.

Começamos a aprender com os feminismos, com a ecologia, com o ecossocialismo. Tais paradigmas são convergentes em propor um mundo de esperança que inclua a educação para desenvolver pessoas em sociedade, não excluindo a racionalidade da sensibilidade e vice-versa. Na consciência crítica é possível reeducar, os modos individualistas ou mesmo gregários para que não sirvam ao colonialismo, racismo, classismo, patriarcalismo. Sendo estas condições desumanizadoras, que se combinadas, mais estarão implicadas na degradação local e planetária – considerado o capitalismo em suas mutações e crises, nas suas contradições, que resultam na destruição; guerras, fome, contaminações, extermínios, epidemias. Desventuras que não são aleatórias, e geram lucros para os mais “aptos” e menos éticos.

A bricolagem, que não dominamos (e nem pretendemos), nos ajudou a compreender sentidos dos aportes do feminismo anticapitalista, anticolonialista - e assim, antipatriarcal, antirracista e anticlassista. Apesar da interação das violências e desvalorizações é possível mudar e não se contentar em sobreviver, sofrer e resistir, cultivando práticas solidárias e sustentáveis. Inúmeros exemplos existem, como uma outra maneira de produzir ciência, arte e filosofia, bem como, agricultura ecológica, mutirões para construção de moradias, hortas comunitárias, ecovilas, ativismos e manifestos etc.

Como se disse, vemos que, para além de resistir, é preciso viver bem em sociedade. A educação crítica e criativa, que envolve o paradigma ético-estético, é fundamento da bricolagem. Assim, acreditamos ser possível aprender a viver melhor e a compartilhar cultivando o espírito de esperança, nos caminhos anticoloniais, na articulação com os feminismos e com a ecologia (social e ambiental).

Considerações finais

A bricolagem não se afigura de modo cômodo e inclusive nas instituições; muitas vezes é ousada e ameaça o estabelecido. E os especialistas, em geral, estão no topo da hierarquia da ciência conservadora. Percebe-se que diante do rumo catastrófico e insustentável para a Terra, existe o contrassenso no que é reprodução e adaptação. Entretanto, não compreendemos a bricolagem, apesar de crítica, se resumir à reatividade e à sobrevivência. Por ser criativa, política e cultural, se torna uma cosmopercepção multiplicável a partir de pequenas revoluções. Na inconformidade com o reducionismo e a dominação, tensiona aproximações com a democracia social, procurando soluções de modo comunitário e solidário para harmonizar diferenças e questionar intolerâncias, promover equidade, sustentabilidade para os ecossistemas e para o Planeta.

Concluimos que a epistemologia e a educação se qualificam com aportes do feminismo ecológico e decolonial. Tratando de uma esfera muito impactada e pouco visibilizada parte da consciência e do fortalecimento coletivo das mulheres em diferentes graus de vulnerabilidade, exploração e desvalorização. Nos identificamos com a recusa dos feminismos ao colonialismo, que é caracterizado pelo genocídio dos povos autóctones, pela violência, escravidão e exploração, além da aculturação. Tornando-se pauta inarredável para a educação, ao conscientizar e fortalecer minorias é importante dimensão humanizadora não antropocêntrica, ao resistir ao patriarcalismo, aos racismos e classismos.

Diante de nossa incipiente experiência, ao refletir sobre a literatura selecionada, podemos vislumbrar o valor e a utilidade da bricolagem para realizar diferentes justaposições e entrecruzamentos em variadas fontes, abordagens teóricas, e favorecer experiências-existências humanas que foram suprimidas ou subalternizadas. Pensamos neste cenário como arte e filosofia do viver. Isto, exige dedicar esforços, persistência, que inclui ética e estética, bem como rigorosidade, na implicação, profissionalização e curiosidade da/o pesquisador/a.

Referências

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA Tithi e FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

- BLACKBURN, Robin. Capitalismo. In: SCOTT, John. (org). **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 36-41.
- CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 195-204.
- CURIEL, Ochy. **Crítica pós-colonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. Colômbia: Universidad Central Colômbia, 2007.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1997.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KINCHELOE, Joe. MCLAREN, Peter. Repensando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman. LINCOLN, Yvonna (colabs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- KINCHELOE, Joe. BERRY, Kathleen. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed. 2007.
- MENESES, Maria Paula. Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias do conhecimento no Moçambique contemporâneo. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 221-260.
- PETRONE, Talíria. Prefácio à edição brasileira. In: ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi e FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.